

rar apaixonadamente as futuras novas verdades por detrás das máximas rígidas do seu tempo, há de ter a impressão de que ali estava sentado o patriarca Noé, vestido como um pequeno burguês francês, a quem uma força invisível anunciara o dilúvio e que, às pressas, reúne tôdas as criações dignas de salvamento, para sobreviverem à catástrofe e serem transmitidas a um mundo novo.

Embora os lugares comuns e as frases estereotipadas continuassem a se multiplicar e se reproduzir em milhões de livros durante decênios, contudo apenas provocaram imitações escritas e verbais, mas não engendraram vida nova nem transformaram o mundo. Este, desde que existe, sempre se manteve em movimento graças somente a "palavras primárias" de caráter mítico, as únicas que não conseguiram abalar sua estabilidade.

Enquanto um único homem pronunciava tais palavras, e conjurava nos seus escritos e nos seus discursos os presságios e as imagens dum mundo em formação, cada uma de suas idéias se transformava logo num fragmento de pensamento e de vida renascentes. A doutrina de Sorel sobre a violência fornece ao sindicalismo francês a sua base. De suas idéias nasce a luta universal contra a democracia, que é então encetada. A elas se deve também a formação do programa da "Action Française" realista e a idéia do fascismo.

Enquanto Sorel, graças a suas idéias positivas, determinava na história contemporânea o que era vital e em via de formação, suas críticas, por sua vez, conseguiam liquidar as realidades que pareciam mais sólidamente enraizadas e transformá-las em velharias. Como aquele a quem o dom terrível da "dupla visão" torna capaz de enxergar a morte na vida ainda em flor, descobrira ele ainda durante o período de esplendor do socialismo a máscara da morte, e abandonou-o como quem se afasta dum cadáver. "O socialismo morreu" — escrevera naquele tempo Benedetto Croce, que soube avaliar exatamente o alcance fatídico de tudo o que esse francês fazia.

Nesse homem que insuflara novos impulsos ao socialismo revolucionário, para depois atirá-lo aos mortos; que impulsionara a "Action française" e o movimento de renovação católica; que de novo se declarara a favor de Lenine para se tornar depois o pai do fascismo, — seus contemporâneos, presos na "permanência das idéias abstratas", viram simplesmente um utopista volúvel que mudava suas opiniões conforme a disposição do momento. É que aqueles críticos, capazes apenas de medir com seus mesquinhos padrões, não podiam compreender que, nesse espírito e nas suas contradições, estava lutando, para encontrar sua expressão e estabelecer suas posições, um "devenir" novo, complexo, cheio de vitalidade nos seus antagonismos e nas suas contradições.

\* \* \*

Georges Sorel ainda trabalha como engenheiro de pontes e calçadas e economiza ainda vintém por vintém para depois poder se despedir e começar a purgar seu cérebro dos lugares comuns, quando já Frederico Nietzsche, o "espírito ousado de experimentador", errando sem descanso entre a Engadina, Messina, Nice e a floresta de Turingia, confia ao papel os prenúncios dum novo pensamento.

Já naquele tempo profetiza as "conseqüências niilistas das ciências naturais", aquela "auto-decomposição" que tem necessariamente de se produzir, porquanto nem a lógica nem a mecânica nunca poderiam alcançar a última "causalidade da vida". E justamente a essa causalidade, a esse fundo, a esse regaço maternal de tôdas as cousas é que importa descer se quiser o homem tornar a recuperar sua vitalidade; se quiser tornar a ser produtivo.

Esse espírito encara ao mesmo tempo as "conseqüências niilistas" da maneira de pensar dominante em coisas políticas e econômicas, a ascensão do "homem democrático" e o conseqüente embrutecimento da Europa: "Olhai! Eu vos mostro o último homem. Que é o amor? — a criação? — o desejo? Que é a estrêla? — assim pergunta o último homem e pisca os olhos. A terra tornara-se pequena e nela se agita o último homem que reduz o tamanho de tudo... Cada qual quer a mesma coisa. Todos são iguais: quem pensar de outra forma, entra voluntariamente no manicômio."

Nietzsche se gaba de, depois de "milhares de anos de erro e de confusão", ter tornado a achar o caminho que "leva a um Sim e a um Não." Ensina a dizer "não" a tudo o que enfraquece, e a dizer "sim" a tudo o que fortalece, a tudo o que armazena força, a tudo o que justifica o sentimento de força. Considera porisso como um perigo cultural essa sociedade burguesa que "é fundada sobre o instinto da timidez e por conseguinte anela sempre e cada vez mais pela segurança e pela paz. Contrapõe-lhe a "vida perigosa", a luta, o heroísmo e profetiza "uma nova espécie de filósofos e de chefes", em relação aos quais "todos os espíritos ocultos, terríveis e benfazejos que a terra conhecera pareceriam apagados e mesquinhos".

Seu "evangelho do futuro" tenta uma audaciosa "transmutação de todos os valores". Descreve a aparição do niilismo; anuncia, porém, ao mesmo tempo, um movimento "que, depois de um tempo indeterminado, substituirá aquele niilismo integral". Este movimento pressupõe, no entanto, o niilismo, pois tem de sair dêle e só pode se estabelecer sobre ele. Por quê a ascensão do niilismo é assim necessária? — Porque é nêle que culminam os nossos valores até agora existentes. Porque o niilismo é a lógica de nossos grandes valores e de nossos grandes ideais pensada até o fim, — porque temos de viver o niilismo, antes de descobrir o que é realmente o valor de tais "valores".